

UM OLHAR SOBRE O TRABALHADOR DEKASSEGUI

- processo migratório e trabalho através da mídia étnica -

Edson Ioshiaqui Urano *

Migrantes e mídia étnica

O processo migratório ocasiona a formação de redes, conexões e sistemas de migração, no bojo de um amplo movimento de bens, capitais e serviços. Um dos componentes dessas redes são as mídias étnicas. Estas, como os demais meios de comunicação, acabam sendo um lugar de confluência de outras redes que constituem este movimento como, por exemplo, os agenciadores de mão-de-obra e as famílias de migrantes. O interesse do presente artigo está em ilustrar as mudanças ocorridas no processo migratório e no trabalho dos dekassegui tendo como material as transformações de conteúdo constatadas na própria mídia. Mais especificamente, o jornal International Press, que possui edição em português e espanhol voltadas para a comunidade latino-americana no Japão.

Em levantamento feito em 1996, Shiramizu contabilizou 32 publicações étnicas em japonês, cerca de 20 em chinês, 15 em inglês, cerca de 10 em coreano, 6 em tagalog, e 5 em português e 4 em espanhol (Shiramizu, 1996, p.16). Naturalmente, as mídias refletem a especificidade social e histórica que cada comunidade possui no Japão. No caso dos jornais voltados para a comunidade filipina, existe a necessidade de que estes veículos sejam uma ponte entre as culturas japonesa e filipina, pois grande parte dessa população é constituída de mulheres filipinas casadas com japoneses

(Shiramizu, 2001). Já no caso da comunidade coreana, há uma divisão entre aqueles dirigidos aos *old comers*, descendentes dos coreanos que tiveram uma migração mais antiga, remanescentes das migrações que ocorreram durante o século XX e a dos coreanos *new comers*, cuja presença cresceu a partir de meados da década de 80 (Shiramizu, 2001). Com o advento da Internet e das TVs por assinatura, tem havido considerável expansão também das mídias étnicas. O grupo International Press passou a operar, a partir de 1996, canais por assinatura com programações em espanhol e português.

Entre décadas perdidas

Como é sabido, o Brasil viveu, na década de 80, um processo de revitalização política com a redemocratização do país e, ao mesmo tempo, um aprofundamento das fragilidades da economia, com o acirramento do processo inflacionário e estagnação da economia. Neste contexto, houve também uma perda de possibilidades de ascensão social para uma grande parcela da população. O que não foi diferente para os descendentes de japoneses no Brasil. Começara a surgir, assim, em meados da décadas de 80 (Fujizaki, 1992) um movimento de retorno dos migrantes japoneses para o Japão. A migração constituiu uma opção para fugir dos efeitos da 'década perdida' brasileira em direção ao Japão, que viveria também sua década de estagnação

econômica nos 90.

Este processo foi impulsionado posteriormente pelas reformas na Lei de Imigração japonesa aprovadas em junho de 1990, que tornaram possível o ingresso de descendentes de japoneses de até terceira geração no país. Para que isso ocorresse, houve uma considerável pressão de natureza social, política e econômica. A economia japonesa, embora já sentindo os efeitos do estouro da bolha econômica em 90, continuava a sofrer, principalmente nas pequenas e médias empresas do setor industrial, uma falta crônica de oferta de mão-de-obra não-qualificada. Na realidade, a expansão do setor terciário durante a bolha incentivou parte da força de trabalho japonesa a se transferir para ela, agravando a escassez estrutural no setor secundário. O Japão, diferentemente de países como a ex-Alemanha Ocidental e a França, por exemplo, seguiu adotando uma política restritiva em relação a entrada de trabalhadores estrangeiros para viabilizar seu crescimento econômico nos 60, 70 e 80. Com a reforma legal que abriu a brecha para os nikkeis (descendentes de japoneses) e para os *ginno jisshu sei* (estagiários), atendeu-se à pressão de grupos organizados de empresários sem desmontar o cerne desta política restritiva (Mori, 1994, p.33), além de atenuar o crescimento do número de migrantes ilegais. Setores políticos governistas também se mobilizaram no sentido de viabilizar a entrada dos descendentes de japoneses, os *nikkeis*, no país (Nojima, 1989). Os brasileiros representam a terceira maior população

estrangeira no Japão, com 254.394, depois de coreanos(693.050) e chineses(335.575), conforme dados da Japan Immigration Association do final de 2000 (JIA, 2001, p.8). Constituíram-se grandes concentrações populacionais, principalmente nas cidades industriais que abrigam as montadoras da indústria automobilística e de eletroeletrônicos. Um exemplo é a cidade de Toyota, na província de Aichi, que abriga a empresa do mesmo nome, assim como a indústria de autopeças a ela conectada. Outro setor que concentra trabalhadores brasileiros é o de eletroeletrônicos, mas a presença destes trabalhadores tem se generalizado para outros setores da sociedade e por todas as províncias, principalmente nos empregos temporários e de contrato indireto, via empreiteiras.

O "International Press"

O jornal International Press foi criado em 1991 quando a população brasileira no arquipélago era de 119333 habitantes(JIA, 1992). Criado por um empresário de nacionalidade japonesa que passara 30 anos de sua vida no Brasil, começou com uma tiragem de cerca de 10 mil exemplares. A tiragem atual oficial é de aproximadamente 60 mil exemplares para a edição em português e 25 mil para a edição em espanhol. Com o crescimento da comunidade, surgiram outras publicações, como o Jornal Tudo Bem, Folha Mundial, Nova Visão, e jornal de serviços como o Look. Destes, continuam com circulação regular o Jornal Tudo Bem e o International Press.

O jornal circula por quase todo país e para isso se utiliza de uma rede de distribuição que entrelaça pontos de venda normais do Japão, como os quiosques em estações de trens e livrarias, assim como meios mais específicos, como os caminhões ambulantes de produtos brasileiros e os pontos de venda nas comunidades com grande população brasileira, como nas cidades de Hamamatsu, Oizumi e Toyohashi.

Um fato interessante é que, de 1991 a

abril de 1994, o jornal dividia páginas em português e espanhol, pois se dirigia, numa única edição, também ao público de outros países da América Latina, principalmente peruanos, também com uma considerável presença no país. Dadas as diferenças culturais e étnicas, dividiram-se as edições em espanhol e português. Hoje, além do fato de que servem a um público distinto, a edição em espanhol tem uma singularidade: possui um grande percentual de leitores japoneses interessados pela América Latina e por aprender a língua espanhola. Por exemplo, cerca de 80% dos assinantes da edição em espanhol é de japoneses. Em virtude deste fato, uma rápida comparação das duas edições permite identificar uma ênfase temática sobre temas voltados também para os japoneses, assim como possui colunas com aulas de espanhol como língua estrangeira, o que não acontece na edição em português. Outro fato significativo está refletido nos classificados de empregos. Devido a problemas de documentação do visto de parte do contingente peruano, há uma parcela da população peruana em situação irregular, de *overstayers* (indocumentados). Tendo isso como um dos fatores, o mercado de trabalho para trabalhadores peruanos é bastante restrito¹. A quantidade de classificados de trabalho dirigidos a estes trabalhadores é muito menor, quase inexistente se comparada à edição em português². Por exemplo, se compararmos as edições em português e espanhol de 1/6/2002, podemos contabilizar 53 anúncios de empregos na primeira e somente 2 anúncios na segunda. Embora brasileiros e peruanos ocupem nichos similares no mercado de trabalho japonês, para trabalhos não-qualificados, isto não deixa de refletir uma certa 'segmentação' dentro deste mercado³.

Este artigo irá se centrar na edição em português, através da qual poderemos identificar algumas transformações de conteúdo e abordagem que indicam mudanças significativas de natureza comportamental e populacional destes migrantes, assim como o movimento de adaptação do veículo à realidade de uma comunidade específica e em rápida mutação.

Foco no Brasil

De 1991 a 1994 aproximadamente, o jornal teve a função de, principalmente, levar notícias do Brasil para os dekassegus, ilhados em meio a uma cultura muito distinta da de seu país de origem. Basta recorrer a algumas manchetes deste período para se constatar a orientação dos primeiros tempos, centrados em aspectos políticos e econômicos do Brasil⁴. Outro fato importante é observar que, neste período, grande parte do contingente dekassegui estava comportamentalmente ainda voltado para uma curta permanência em terras nipônicas. Levavam, se compararmos aos momentos posteriores, um estilo, em média, mais poupador, embora isso não nos permita construir tipologias apressadas para cada período, pois há uma multiplicidade de comportamentos presentes em todos as fases desse processo migratório. Este direcionamento mais claro para o retorno ao Brasil, somado ao caos inflacionário em que o país se encontrava, trazia a necessidade de parâmetros para que se pudesse ter uma noção do que se passava no país de origem, até como uma forma de resgate de referenciais. Vejamos, por exemplo, a carta enviada por um leitor:

'Gostaria de sugerir mais espaço para dados sobre valores das coisas do Brasil (junto com o câmbio). Valores de apatos⁵, casas, motos, carros,(usados e novos) e algumas utilidades domésticas como fogão, geladeira, forno de microondas, etc. Acho que seria de muita utilidade para aqueles que estão pensando em voltar. Outra sugestão seria uma atenção especial a legislação sobre microempresas. Acredito que, assim como eu, muitos vieram para cá para poderem realizar seus sonhos(casa, carros, abertura de firma, etc). Como as coisas por lá mudam a cada dia, vocês poderiam dar uma grande força para não sermos pegos de surpresa com a extinção e criação de novas leis (do governo e de mercado)' (IP, n° 35).

Constata-se também que, neste período, os dekassegus já se utilizam de diversas fontes de informação para concretizar o processo migratório, tanto

formais quanto informais. No caso deste fluxo migratório em específico, o papel desempenhado pelas redes formadas por agências de viagens e empreiteiras, aliadas às redes informais de parentes e amigos, possuem um papel central. Em vista da falta de confiabilidade de uma parcela dos agenciadores de mão-de-obra, um expediente muito freqüente dos migrantes é o de se utilizarem de outra fonte - a informação advinda de parentes e familiares - para melhor tomar a decisão de migrar. As informações obtidas desta maneira são com freqüência consideradas de maior confiabilidade pelos migrantes (Fawcett, 1989, p.678; Kawamura, 1999, 2001). Este reforço se dá também no plano econômico, pois os pioneiros tornam-se capazes de financiar a migração de outros membros da família. Vejamos trechos da seguinte matéria:

‘...Hoje, a maioria dos que se aventuram já tem informações sobre o que os espera. Na maior parte dos casos, foram os próprios amigos e familiares que não só contam sobre a vida no Japão, como também arrumam o emprego e dão assistência ao nikkei que chega...’

‘... Para Paulo Fernando Takaki, 23, da cidade de Bauru, a influência dos dois irmãos foi decisiva para que decidisse abandonar seu emprego de bancário. Como muitos dekassegus que saem agora, foram os irmãos que arrumaram o emprego, custearam a passagem e deverão hospedá-lo nos primeiros dias no Japão...’ (IP, nº 112).

Através da informação e suporte fornecidos por parentes e amigos, formou-se, com o tempo, uma aparato de checagem de condições de trabalho, salários e moradia, entre outros. O pesquisador, ao entrevistar empreiteiras e trabalhadores em regiões como Oizumi, Gunma, pôde verificar que a decisão de migrar se concretiza por meio do entrelaçamento destas fontes, sendo que as empreiteiras, por sua vez, também utilizam ativamente a rede familiar como uma forma rápida de recrutar trabalhadores e checar informações sobre os mesmos. Também os jornais étnicos servem como mais uma referência na procura de um emprego, sendo a informação checada através de

conhecidos e parentes, no caso de migrantes mais experientes.

Foco na comunidade

A partir de 1994, nota-se um aumento de matérias voltadas para a comunidade. De apenas leitores, os dekassegus passam a ser focados como personagens dentro do jornal. Passa a haver um enfoque maior para problemas específicos ligados ao dia-a-dia da comunidade: a separação das famílias, desemprego, acidentes de trabalho, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, trâmites para obtenção de carteira de motorista. Em 1995, criou-se uma estrutura de sucursais e correspondentes para cobrir as comunidades espalhadas pelo país. Hoje, há sucursais nas províncias de Aichi (Toyota), Shizuoka (Hamamatsu), Gunma (Oizumi), Mie (Tsu). Também as manchetes adquirem, com freqüência, um conteúdo mais interno à própria comunidade⁶. A questão do preconceito na locação de imóveis para estrangeiros, por exemplo, é um dos problemas levantados nas páginas do jornal (IP, nº 181). É também neste período que se nota um recrudescimento da oferta e recrutamento de trabalhadores brasileiros no mercado de trabalho, em termos etários e de etnicidade, já que as dificuldades para um não-descendente encontrar emprego são maiores. Diz a matéria de julho de 1995: “Diretores de empreiteiras confirmaram que enquanto o desemprego pra nikkeis atinge principalmente homens na faixa etária acima de 45 anos, para não-descendentes esse fator independe. ‘O filé mignon é que está desempregado’, diz o dono de uma empreiteira, referindo-se a homens entre 20 e 35 anos de idade” (IP, nº 199).

Constata-se também nas matérias um reflexo da modificação gradativa do modo de vida dos dekassegus, com a sofisticação dos hábitos de consumo, direcionados agora também para o lazer, viagens, salões de beleza, produtos eletroeletrônicos, etc. É importante observar que, novamente, isto não significa necessariamente uma mudança ‘tipológica’ do dekassegui, mas um processo de adaptação à sociedade

receptora em que o indivíduo passa a ter uma projeção mais flexível quanto a sua estada nesta sociedade. Há uma reavaliação do significado que possui estar como migrante a partir da experiência acumulada, o que pode levar a uma estada mais prolongada e à adaptação de seus projetos iniciais. É o caso do trabalhador TK, 36, operário em uma montadora de automóveis, entrevistado pelo pesquisador em Oizumi (Gunma), em 1999. Natural de Belém do Pará, almoxarife, sua primeira vinda havia sido em 1989. De um comportamento inicialmente poupador, ele conta que passou a levar uma vida com mais lazer, sair para comer em restaurante, acampar, depois que percebeu que “se não, a gente não vive nem lá no Brasil, nem aqui no Japão”. Em compensação, passou a fazer, com sua esposa e dois filhos, um plano de permanência mais prolongada no Japão, para então retornar definitivamente.

Tais mudanças, que podem apontar, por um lado, para uma melhora qualitativa na vida dos brasileiros, também podem levar algumas vezes à precarização de sua situação sócio-econômica. A percepção desse processo está expressa em uma carta enviada por uma leitora como se segue:

Leitor em foco

A meu ver, existem três categorias de pessoas

1. Uma porcentagem que é realmente tio patinhas, ao extremo conseguem viver com 40.000 por mês, poupam o máximo aqui, depois perdem tudo, em menos de um ano, no Brasil, como já pude constatar em vários casos.

2. Aqueles que gastam tudo, emprestando dos outros, até de cartão de crédito. Estipulam um padrão de vida além das suas possibilidades. Esquecem-se que o “salário dekassegui”, isento de todos os benefícios sociais, é o mínimo do Japão. Com ele, é impossível viver como classe média.

3. Os que sabem dosar seus gastos, permanecendo no padrão de vida razoável. Cuidam da saúde, dizendo não aos vícios. Pensam no futuro e se preparam para ele.

Aquele que é consumista aqui, também

o foi no Brasil (IP, nº 309).

É importante frisar o fato de que situações de crise econômica no país receptor, não necessariamente levam o migrante a encurtar sua permanência em terras estrangeiras, pois isto pode levá-lo a reprogramar sua estada no sentido de concretizar seus objetivos iniciais numa perspectiva de tempo mais prolongada (IP, nº 365). Como observou Piore, não se pode refutar a influência de fatores econômicos nos processos migratórios, mas o comportamento do migrante nem sempre se dá conforme expectativas "racionalis" num sentido estrito (Piore, 1979, p.64).

Apesar do caráter temporário e do movimento pendular dos dekasseguis ainda ser uma característica bastante presente, o fato é que se vive, hoje, uma fixação um tanto quanto ambígua desta população em terras nipônicas. Passados mais de 15 anos desde que este movimento se iniciou, houve uma mudança significativa na composição populacional, com o aumento do contingente feminino e infantil, reunião das famílias e formação da segunda geração de migrantes brasileiros.

Mulheres no mercado de trabalho

O aumento da participação feminina brasileira no mercado de trabalho japonês segue uma tendência geral da economia japonesa dos últimos anos. Segundo dados do Japan Institute of Labor, em 1987, a participação feminina no total da força de trabalho no Japão era de 39,7%. Em 2001, esta participação está em 40,7% (JIL 1999, 2002a). Tem aumentado, por exemplo, o contingente de japonesas que, por motivos como casamento e cuidado com os filhos, já não pára de trabalhar. A mudança nos aparatos legais tem também sua parcela de influência. As reformas da legislação trabalhista japonesa, como na lei de Igualdade de Oportunidades de Emprego para Homens e Mulheres (1985),

efetuadas no primeiro semestre de 1999, visaram diminuir as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Uma das conseqüências foi a possibilidade das jornadas noturnas também para as mulheres, o que constituiu um significativo estímulo para a sua contratação. O aumento da participação do sexo feminino no mercado de trabalho é considerado, inclusive pelo governo japonês, como um dos pontos-chave para suprir a já anunciada escassez de mão-de-obra no país para a década, devido à senilização da população e à redução das taxas de natalidade (JIL, 2002b). As brasileiras são parte destas mudanças, principalmente, como é sabido, nas indústrias, no setor secundário da economia, relativamente preterido pelas mulheres japonesas em comparação, por exemplo, aos empregos no setor de serviços. Na prática, a reforma na lei supracitada tem refletido em uma maior demanda pelo trabalho feminino, e em termos salariais, num certo nivelamento para baixo dos salários, passando tanto homens como mulheres a trabalhar com remunerações até então pagas às mulheres, de cerca de 900 - 950 ienes a hora (IP, nº 395).

Em 1990, as mulheres representavam cerca de 37,5% da população brasileira residente no Japão, que era de 56.429 pessoas. Em 2000, com a população total de 254.394, o percentual feminino já representava 44,8% da mesma.

Em vista destas transformações, o jornal tem passado a dar maior espaço dedicado ao público feminino e também aos

adolescentes. Em abril de 2002, em conjunto com a criação de um caderno de variedades voltado principalmente ao público feminino e adolescente, passa a haver uma ênfase em temas como aconselhamento sexual, maternidade, evasão escolar, o peso da jornada dupla, trabalho doméstico/trabalho na fábrica. Através do material jornalístico, pode-se desenhar um complexo mosaico da comunidade brasileira - em termos etários, étnicos e econômicos - se comparada aos primórdios deste movimento migratório. Por outro lado, a dependência dos dekasseguis de postos de trabalho no mercado de trabalho periférico, subordinado a processos flexíveis de produção e de contratação da mão-de-obra se mantém como um dos fatores determinantes deste movimento (Okubo, 1999).

Considerações finais

A recessão econômica japonesa tem persistido no início desta década. Em 2001, a taxa média de desemprego no Japão foi de 5,2%, a maior desde que estas medições tiveram início, em 1953 (Nikkei, 2002). Este quadro recessivo trouxe, também para a comunidade latino-americana, o achatamento dos níveis salariais assim como um processo de substituição parcial por migrantes asiáticos, pelo fato destes possuírem uma faixa de salários mais baixa que a brasileira (IP, nº 553). Embora tenha havido uma diversificação qualitativa dos trabalhos oferecidos aos brasileiros com a formação de concentrações populacionais

PERCENTUAL DA POPULAÇÃO BRASILEIRA NO JAPÃO POR FAIXA ETÁRIA

Idade	1990	1992	1994	1996	1998	2000
0-4	2.1	3.44	3.55	4.57	6.47	6.83
5-9	1.43	2.76	3.09	3.43	4.03	4.33
10-14	1.22	2.14	2.33	2.95	3.88	4.01
Acima de 15	95.25	91.66	91.03	89.05	85.62	84.83

Fonte: JIA (1990-2001)

em cidades industriais e com o desenvolvimento de negócios étnicos, a maioria destes migrantes continuam atrelados ao mercado de trabalho periférico (Kawamura, 2001). Através do material analisado, constatamos um processo de fixação destes migrantes no Japão, ainda que de uma forma parcial e ambígua, com a formação de sua segunda geração. A mídia étnica, ao mesmo tempo que espelha estas mudanças em suas páginas, exercita uma rearticulação de seu conteúdo face as novas realidades. A problemática que se coloca, daqui em diante, é a de se equacionar estas transformações, que têm em seu centro a questão da inclusão/exclusão social num contexto transnacional, dentro do processo de globalização.

* *Edson I. Urano é Doutorando em Economia na Graduate School of Economics da Universidade de Tohoku, Sendai, Miyagi, Japão.*

NOTAS

1- Segundo entrevista concedida pelo jornalista peruano da edição em espanhol do International Press ao pesquisador, provavelmente metade da população peruana presente no Japão é constituída de *overstayers* (indocumentados). E isso tem acarretado uma divisão dentro da comunidade peruana entre legais e ilegais, com atitudes discriminatórias mútuas.

2 - O peruano J.N., de 48 anos, natural de Lima e residente à época da pesquisa de campo (1999) na cidade de Oizumi, Gunma, a cidade com maior percentual de estrangeiros no Japão, deu o seguinte depoimento: "Tem mais trabalho para os brasileiros porque 50% dos peruanos estão com os vistos irregulares e as empresas não contratam. Não tem contrato e quando termina o serviço, não tem opção de serviço".

3 - Em pesquisa de campo realizada em 2002, o pesquisador constatou que os sindicatos de trabalhadores de Tokyo e Kanagawa também refletem essa compartimentação. A Zentoitsu, um pequeno sindicato com sede em Ueno, Tokyo, agrupa os trabalhadores *overstayers*, principalmente paquistaneses e indianos. A KCU, Kanagawa city union, os trabalhadores peruanos e a LUC, Labor's Union Center,

os trabalhadores brasileiros.

4 - Alguns exemplos - 'Nova nota de 50 mil' (IP, nº 2, 6-10-1991), 'Senna poderá ser tricampeão' (IP, nº 3, 13-10-1991), 'Caso Magri aflige o governo' (IP, nº 25, 15-03-1992), 'Pedro Collor detona escândalo no Brasil' (IP, nº 37, 7-6-1992), 'FHC alerta para hiper' (IP, nº 89, 6-6-1993), 'CPI vai caçar 18 parlamentares' (IP, nº 123, 30-1-1994).

5 - Apatos - apartamentos.

6 - Para citar alguns exemplos - 'Dekassegui é autêntico Papai Noel' (IP, nº 170, 25-12-1994), 'Brasileiros otimistas com o ano novo' (IP, nº 171, 1-1-1995), 'Crise faz brasileiros retornarem ao Japão' (IP, nº 213, 22-10-1995), 'Brasileiro morre em acidente de trabalho' (IP, nº 222, 24-12-95).

BIBLIOGRAFIA

FAWCETT, J.

(1989) "Network, Linkages and Migration Systems". *International Migration Review*, volume XXIII, nº 3, pp.671-680.

FUJIZAKI, Y.

(1992) *Dekasegi nikkei gaikokujin rodosha*. Akashi shoten.

JAPAN IMMIGRATION ASSOCIATION (JIA)

(1990-2001) *Statistics on the foreigners registered in Japan*.

KAWAMURA, L.

(1999) *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*, Editora da Unicamp.

KAWAMURA, L.

(2001) "Migração Nikkey: novas relações entre Brasil e Japão", In: *Anais XI Encontro Nacional de professores universitários de língua, literatura e cultura japonesa*, UnB, pp.439-448.

MORI, K.

(1994) "Gaikokujin rodosha no rekishiteki iso", *Shakai Seisaku Gakkai Nenpo*, vol. 38, Ocha no Suishobo.

NOJIMA, T.

(1989) "Susumetai nikkeijin no tokubetsu ukeire", *Gekkan Jiyu Minshu*, Outubro, pp.92-99.

OKUBO, T.

(1999) "Gaikokujin rodosha no shugyo kozo to bundanteki rodo shijo", *Nogyo Mondai*, nº 88, março.

PIORE, M.

(1979) *Birds of Passage- Migrant labor and industrial societies*, Cambridge University Press.

SHIRAMIZU, S.

(1996) *Ethnic Media: Toward the Multicultural Japan*. Akashi shoten.

SHIRAMIZU, S.

(2001) "Especialista em mídia étnica considera fundamental a questão educacional". *International Press*, nº 521, 15 de setembro.

Jornais

INTERNATIONAL PRESS

- "Leitor em foco", nº 35, 24/5/1992.
- "Muda o perfil de dekassegui que vem ao Japão", nº 112, 14/11/1993.
- "Preconceito dificulta locação de imóveis", nº 181, 12/03/1995.
- "Seleção de candidatos é rigorosa em Gunma", nº 199, 16/07/1995.
- "Leitor em Foco", nº 309, 24-8-1997.
- "Nikkeis gastam menos e adiam retorno definitivo", nº 365, 29/8/1998.
- "Mudança na lei muda perfil do dekassegui", nº 395, 17/04/1999.
- "Desemprego em Tochigi continua e pode se agravar", nº 553 - 27/04/2002.

Sites

JAPAN INSTITUTE OF LABOUR (JIL)

- (1999)
- http://www.jil.go.jp/kisya/josei/990126_04_j/990126_04_j_hyou1-1.html
- (2002a)
- http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020403_03_kj/
- [20020403_03_kj_hyou1-01.html](http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020403_03_kj_hyou1-01.html)
- (2002b)
- http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020419_01_kj/
- [20020419_01_kj_gaiyou.html](http://www.jil.go.jp/kisya/kkinjkatei/20020419_01_kj_gaiyou.html)

NIHON KEIZAI SHIMBUN

- "2001 nendo heikin shitsugyo ritsu wa 5,2%, kako saiaku no suijun ni", 26/04/2002.
- <http://www3.nikkei.co.jp/kensaku/kekka.cfm?id=2002042603035>